



Revista Brasileira de Educação

ISSN: 1413-2478

ISSN: 1809-449X

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

Nosella, Paolo

“Le ceneri di Gramsci”, poema de Pier Paolo Pasolini: a crise de 1956 e a proposta da cultura extrema*

Revista Brasileira de Educação, vol. 24, 2019

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

DOI: 10.1590/S1413-24782019240038

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27559571034>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos academia projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa acesso aberto

ESPAÇO ABERTO

“Le ceneri di Gramsci”, poema de Pier Paolo Pasolini: a crise de 1956 e a proposta da cultura extrema*

Paolo Nosella¹ 

RESUMO

A crise atual da esquerda levou-me a meditar sobre a crise dos comunistas, quando, no fatídico XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), em fevereiro de 1956, Khrushchov denunciou oficialmente o estalinismo. A denúncia foi abafada pela burocracia partidária, mas Pasolini não se calou. Foi acusado de comunista herético, de extremista cultural. Hoje, quase todos reconhecem que seus versos tinham razão: “A dor / de vocês de não mais estarem na primeira frente / seria mais pura, se na hora / em que o erro, mesmo sendo puro, se paga, / tivessem a força de se confessarem culpados” (“As cinzas de Gramsci”). O poeta, diante do pobre e severo túmulo de Gramsci, não se envergonhou da acusação, mesmo discordando de certo *misticismo cultural* presente na fórmula da revista *Ragionamenti*. Cultura extrema ou máxima, para todo proletariado do campo e da cidade, é a estratégia gramsciana da hegemonia civil, integrando a luta política com a refinada cultura dos clássicos.

PALAVRAS-CHAVE

Pasolini; Gramsci; crise política; hegemonia; cultura extrema.

*Texto apresentado no Encontro Nacional da International Gramsci Society do Brasil, em Florianópolis, em 25 de setembro de 2018. Inédito.

¹Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, SP, Brasil.

“LE CENERI DI GRAMSCI” POEM BY PIER PAOLO PASOLINI: THE CRISIS OF 1956 AND THE PROPOSAL OF EXTREME CULTURE

ABSTRACT

The current crisis of the left led me to meditate on the communist crisis when, in the fateful twentieth congress of the Communist Party of the Soviet Union (CPSU), February 1956, Khrushchev officially denounced Stalinism. The denunciation was stifled by party bureaucracy, but Pasolini did not fall silent. He was accused of being a heretical communist, and a cultural extremist. Today, almost everyone recognizes that his verses were right: “the pain / of you no longer being on the first front / would be more pure, if at the time / in which the error, even being pure, is paid, / had the strength to confess yourselves guilty” (Gramsci’s ashes). The poet, before Gramsci’s poor and austere grave, was not ashamed of the accusation, even though he did not agree with a certain *cultural mysticism* present in *Ragionamenti* Magazine’s formula. Extreme or maximum culture, for every proletariat in the countryside and in the city, is Gramsci’s authentic strategy of civil hegemony, integrating the political struggle with the refined culture of the classics.

KEYWORDS

Pasolini; Gramsci; political crisis; hegemony; extreme culture.

“LE CENERI DI GRAMSCI” POEMA DE PIER PAOLO PASOLINI: LA CRISIS DE 1956 Y LA PROPUESTA DE LA CULTURA EXTREMA

RESUMEN

La crisis actual de la izquierda me ha llevado a meditar sobre la crisis de los comunistas cuando, en el fatídico XX Congreso del Partido Comunista de la Unión Soviética (PCUS), en febrero de 1956, Khrushchev denunció oficialmente el estalinismo. La denuncia fue encubierta por la burocracia partidaria, pero Pasolini no se calló. Fue acusado de comunista herético, extremista cultural. Actualmente, casi todos reconocen que sus versos tenían razón: “el dolor / de que ustedes no están más en el primer frente / sería más puro, si en la hora / en que el error, aun siendo puro, se paga / tuviesen la fuerza de confesarse culpables” (Las cenizas de Gramsci). El poeta, delante de la pobre y severa tumba de Gramsci, no se avergonzó de la acusación, aunque no concordaba con cierto *misticismo cultural* presente en la fórmula de la Revista *Ragionamenti*. Una cultura extrema, o máxima, para todo el proletariado del campo y de la ciudad, es la auténtica estrategia gramsciana de hegemonía civil, integrando la lucha política con la refinada cultura de los clásicos.

PALABRAS CLAVE

Pasolini; Gramsci; crisis política; hegemonia; cultura extrema.

Hoje, no Brasil, sinto necessidade de reler Pier Paolo Pasolini (1922-1975), intelectual italiano da segunda metade do século XX, professor e escritor, cineasta, mas, principalmente, poeta. Lerei Pasolini enquanto *tradutor* de Gramsci. Com efeito, em quase todas as suas obras, mesmo sem muito citar o nome, genialmente reinventou, por exemplo, a categoria gramsciana de *revolução passiva* (Vacca, 2017), descrevendo as amargas sequelas socioculturais das mudanças provocadas pela indústria movida a petróleo, na Itália e no mundo em geral, na segunda metade do século passado.¹

Porém aqui quero reler o emocionante poema “*Le ceneri di Gramsci*” (“As cinzas de Gramsci”), publicado em 1957 (Pasolini, 2009). Diante do pobre e severo túmulo de Gramsci, no cemitério acatólico de Roma, ilhado em seu sentimento de comunista *herético*, o poeta abre seu coração ao seu pai político (“pai não” — Pasolini logo se corrige —, “mas humilde irmão”), evocando seu testemunho solidário e criticando a incoerência e burocracia do Partido Comunista Italiano (PCI). Pasolini relembra os dez anos “da grande esperança”, depois da proclamação da república italiana (1946-1956). Nessa década, diz, todos éramos solidários. A esquerda sonhava, unida, um horizonte nacional mais humano, mais justo. Mas agora, em decorrência do fatídico XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS)² e da primeira denúncia oficial contra o estalinismo, era preciso reexaminar *dentro*, isto é, na alma, nos pensamentos, na mente, esse decênio da esperança: suas premissas teórico-práticas, as perspectivas, as individualidades e os credos intelectuais. A crise era irreversível, nacional e internacionalmente,³ mas poucas vozes “armadas mais de honestidade do que de autoridade” a reconheciam (Pasolini, 2009, p. 866). O poeta era uma delas (Aliás, os poetas, normalmente, chegam primeiro ao entendimento dessas crises; os teóricos mais tarde; os políticos por últimos, quando chegam.).

A cada crise, Gramsci desenvolvia e reformulava a estratégia da luta pela hegemonia das classes subalternas: da guerra de movimento e insurreição (1914-1921) à guerra de posição, que substituiu, em primeira linha, os soldados pelos intelectuais militantes. Com a crise de 1926, da cadeia, aprimorou a mesma forma de luta pelo estudo *für ewig: para sempre*. Pasolini, portanto, em 1956, continuou desenvolvendo *postumamente* a estratégia de hegemonia de Gramsci, afirmando a necessidade da *cultura extrema* para os proletários do campo e da cidade. Assim, em 1956, pelo poema, o poeta traduziu Gramsci, visando iluminar a crise. Em 11 poemas, lamentava a comum desilusão, confessava erros passados e defendia a renovação da esperança revolucionária pela estratégia da extrema cultura para todos.

1 Ver, sobretudo, o último romance de Pasolini, inacabado pelo precoce e trágico assassinato do poeta, *Petróleo* (Arnoldo Mondadori Editore, 2005). É um conjunto de anotações que comporiam sua obra, um grande *satirikon* da sociedade italiana da segunda metade do século XX, moldada na Itália pelo Ente Nazionale Idrocarburi (ENI), equivalente, talvez, a Petrobras no Brasil.

2 O XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética teve lugar entre 14 e 26 de fevereiro de 1956, em Moscou. Em 4 de novembro, o exército soviético invadiu Budapeste, sufocando barbaramente as manifestações populares.

3 Redigi as informações desse parágrafo incorporando comentários que recebi por *e-mail* dos amigos Rocco Lacorte e Neil Novello, em julho de 2018.

Dirigindo-se aos atuais *companheiros de estrada*, fustigando-os e fustigando-se também, inicialmente confessou o escândalo de concordar com ele (Gramsci) na luz, no coração, em teoria, discordando, porém, nas *negrás entráhás*, nos mesquinhos interesses individuais, burocráticos, partidários, corporativos: “Lo scandalo del contraddirmi, dell’essere / con te e contro te; con te nel cuore, / in luce, contro te nelle buie viscere”⁴ (Pasolini, 2009, p. 820).

As mais dolorosas contradições não são entre *nós e eles*, mas entre nós e nós mesmos: estas roem o fígado e *nossas negrás entráhás* e, no mais das vezes, são inconfessáveis.

Tampouco — acrescenta — adianta viver de glória das lutas passadas: “Solo l’amare, solo il conoscere / conta, non l’aver amato, / non l’aver conosciuto. Dà angoscia / il vivere di un consumato / amore. L’anima non cresce più”⁵ (Pasolini, 2009, p. 833).

Os *ortodoxos burocratas* do partido não gostaram dos versos de Pasolini e continuaram absolvendo Stalin, mas o poeta, firmemente, respondia lembrando as palavras do amigo e companheiro de lutas, hoje também ele em posição diferente, Franco Fortini:

“L’ora é confusa, e noi come perduti
la viviamo...”, mi mormoravi, amaro,
disilluso di ciò che hai avuto
per dieci anni dentro, così chiaro
che tra mondo e mente quase era um idillio.”⁶ (Pasolini, 2009, p. 851)

Isto é, nosso marxismo de ontem, tão claro, tão utópico (“idílio entre mente e mundo”), feito de respostas isentas de dúvidas, hoje não mais corresponde aos fatos. A desilusão invadia, amargamente, o espírito do amigo e de muitos.

Pasolini e Fortini (e Gramsci) haviam, no passado remoto, discordado da concepção de educação dos partidos comunistas *ortodoxos* que se inspiravam em Zhdanov⁷ pregando absoluta homogeneidade teórica, clareza e certeza ideológica, ou seja, praticamente doutrinação. Infelizmente, nesse momento, ao redigir o poema, até essa comum posição de então entrava em tensão: Pasolini, em Fortini, criticava os *companheiros* do PCI para os quais a bitola institucional, o conservadorismo, as mesquinhos e corporativas reivindicações econômicas eram a rotina das atividades políticas. Os *companheiros de estrada* esqueciam a antiga lição da história, isto é, que

4 “O escândalo de me contradizer, de estar / contigo e contra ti; contigo no peito, / na mente, contra ti nas negrás entráhás” (tradução minha).

5 “Somente amar, somente conhecer/ importa: não o ter amado, / não o ter conhecido. Angustia / viver de um consumado / amor. A alma não cresce mais” (tradução minha).

6 “A hora é confusa, e nós como perdidos / a vivemos...”, murmurava-me, amargo, / desiludido do que tiveras / por dez anos dentro, assim tão claro / que entre mundo e mente era quase um idílio.” (traduções do autor).

7 Andrei Alexandrovitch Jdanov, Андре́й Алекса́ндрович Ждáнов, foi um político soviético e correligionário de Josef Stalin.

toda instituição deve *sangrar* para permitir a continuidade da dolorosa renovação (*il dolore della creazione*):

*È già vecchio
il piano di lotta di ieri, cade
a pezzi sui muri il più fresco manifesto.
Muta, in una qualunque notte, il congegno
che fa la conoscenza luce dell'oggetto.
E la vita riappare più viva: segno
che qualcosa, in chi la viveva, muore.
Essa è proceduta nel disegno
che non ha fine: ma il vostro dolore
di non esserne più sul primo fronte,
sarebbe più puro, se nell'ora
in cui l'errore, anche se puro, si sconta,
aveste la forza di dirvi colpevoli.
Ma troppo fonda è, in voi, l'impronta
della lotta compiuta, nel grande e breve
decennio: vi siete assuefatti,
voi, servi della giustizia, leve
della speranza, ai necessari atti
che umiliano il cuore e la coscienza.
Al voluto tacere, al calcolato
parlare, al denigrare senza
odio. All'esaltare senza amore;
alla brutalità della prudenza
e all'ipocrisia del clamore.
Avete, accecati dal fare, servito
il popolo non nel suo cuore
ma nella sua bandiera: dimentichi
che deve in ogni istituzione
sanguinare, perché non torni mito,
continuo il dolore della creazione⁸ (Pasolini, 2009, p. 853)*

8 “Já é velho / o plano de luta de ontem, / nos muros se esmigalha o mais fresco manifesto. / Muda, em qualquer noite, o mecanismo / que faz do conhecimento a luz do objeto. / E a vida reaparece mais viva: sinal / de que algo em quem a vivia morre. / Esta emana do desenho / que não tem fim: mas a dor de vocês / de não mais estarem na primeira frente, / seria mais pura, se na hora / em que o erro se paga, mesmo sendo puro, / tivessem a força de se confessarem culpados. / Mas é demasiada funda em vós a marca / da luta cumprida, / no grande e breve / decénio: estão viciados, / vós, servos da justiça, levas / das esperanças, nos necessários atos / que humilham o coração e a consciência. / Ao silêncio tático, às calculadas / palavras, / ao conspurcar sem / ódio, ao exaltar sem amor; / à brutalidade da prudência / e à hipocrisia dos alardes. / Vós tende, cegos pelo fazer, servido / ao povo não em seu coração / mas em sua bandeira: esquecidos / que deve em toda instituição / sangrar, para que não se torne mito, / a contínua dor da criação” (tradução minha).

O poeta foi acusado de extremismo cultural (também Gramsci o fora, mesmo que não se utilizasse o termo). Contra tal acusação, defendeu-se, em nota, emprestando as palavras da revista *Ragionamenti*, que, nos dias em que Pasolini escrevia o poema, publicava um suplemento especial, “*Proposte per una organizzazione da cultura marxista italiana*” (“Propostas para uma organização da cultura marxista italiana”):

Não devemos nos envergonhar pela acusação de sermos “extremistas culturais”; acusação que julga, mais do que a nós, a quem nós a dirigiu. Não há cultura, isto é, pesquisa ciência verdade, a não ser extremista, a não ser persuadida de sua própria decisividade. O oportunismo e a diplomacia não são nem historicismo nem dialética. Concluindo, pensamos que hoje a *participação política*... deverá ser científica por meio de uma complexa rede de pesquisas e de elaborações em todos os níveis que permitam à classe operária e camponesa tender ao autogoverno e se libertar da alienação burocrática. (Pasolini, 2009, p. 866, grifo do original)

São palavras que ecoam, quase *ipsis litteris*, o próprio Gramsci. Ou seja, a expressão *extremismo cultural* é a posição da revista, aceita, com reservas, por Pasolini como *tradução* do pensamento de Gramsci. Cabe verificar, no conjunto dos escritos deste, se a tradução é correta, como eu, pessoalmente, acho. Com efeito, *cultura extrema* traduz a estratégia gramsciana da hegemonia civil (Vacca, 2017, p. 21-95), sua convicção sobre a formação que o proletariado precisa adquirir na fase atual da luta hegemônica. Tanto a revista como Pasolini, portanto, com esse termo, forjavam uma chave de leitura de Gramsci. Quase aleatoriamente, escolho duas passagens nessa direção:

Se é verdade que a história universal é uma cadeia dos esforços que o homem fez para libertar-se dos privilégios, dos preconceitos, das idolatrias, não se comprehende por que o proletariado, que mais um elo quer acrescentar à cadeia, não deva saber como e por que e por quem tenha sido precedido, e que benefício possa extrair desse saber. (Gramsci, 1980, p. 103)

Ainda na mesma direção:

É preciso, portanto, estudar exatamente a combinação de forças nacionais que a classe internacional deverá dirigir e desenvolver segundo a perspectiva e as diretrizes internacionais. A classe dirigente é tal somente se interpretará exatamente essa combinação, da qual ela própria faz parte e, justamente como tal, pode dar ao movimento uma certa direção em certas prospectivas. (Gramsci, 1975b, p. 1729)

Se Pasolini não se envergonhava da acusação de *extremista cultural*, advertia, porém sempre *traduzindo* Gramsci, não concordar com certo misticismo cultural presente na proposta da revista (Pasolini, 2009, p. 867), que consagrava e engessava certo trabalho intelectual tradicional, abstrato, a-histórico:

Todavia na concepção que Fortini e os outros de *Ragionamenti* têm da cultura e do trabalho cultural, sinto o perigo, não, não do extremismo, mas de certa forma de misticismo, dada, justamente, a mitificação da base e a suspeita vontade de anular a própria pessoa num rígido e apagado anonimato moralista. (Pasolini, 2009, p. 867)

Ou seja, a revista (Fortini) e Pasolini compartilhavam, em linha de máxima, a mesma concepção política engajada do trabalho cultural, que, em outros termos, pode ser chamado de trabalho cultural em favor da base social, isto é, da classe operária em sentido gramsciano. Mas o problema situava-se, diz Pasolini (sempre traduzindo Gramsci), na concepção da cultura e da relação entre a classe intelectual e a base, no *diálogo* entre trabalhadores e intelectuais, no estilo dessa relação, dessa *organicidade* social que as duas partes formavam, no partido ou fora dele, por causa de um erro de natureza teórica. Ou melhor, por verem, Fortini e outros companheiros, diante de si uma base social abstrata, mitificada, falsamente unitária, avulsa de sua realidade concreta, fora de sua consistência e problemática, vista *de longe*, por meio de *teorias*, quase numa metafísica sociológica. Quer dizer, por verem um povo sim como realidade e motor da história, mas de uma história *diferente*, de outra humanidade que acreditamos, com uma ponta de *vergonha suspeita*, ser igual à nossa: afinal, somos todos trabalhadores, mas nós, no fundo, duvidamos que assim seja.⁹

Em suma, o que vem a ser, então, no entendimento de Pasolini, tradutor de Gramsci, o conceito de *cultura extrema*? Por que propôs Gramsci, várias décadas antes, a ideia de *cultura extrema* como programa revolucionário para o proletariado? Em que sentido os dois se identificam na mesma proposta?

Gramsci e Pasolini consideram que transitar do *fato* proletário, isto é, da situação de *povaréu*, de *ralé*, de *assistidos*, de *subalternos*, de *subproletariado*, de *noias* para o *ato* da consciência proletária e desta para a elaboração do projeto, estratégias e táticas da nova hegemonia civil, requer um longo caminho árduo, uma mudança radical da *linguagem* internacional, muito mais difícil no século XX, quando a luta de classe foi enfraquecida, camuflada, esmigalhada, mitificada pelo consumismo e pelos intelectuais, pela semi-informação, por um sistema escolar popular cada vez mais precário, empobrecido, pulverizado, autoritariamente *profissionalizado*. Gramsci e Pasolini sabiam que o projeto de libertação do proletariado não podia ser formulado nem proposto pela elite pensante ou pela vanguarda do partido. Assim, pensar e agir *criticamente*, na sala de aula e na vida, transmitir a mensagem da mudança profunda e geral (revolução) realizando, em plenitude, o ser professor-político, não era tarefa fácil nem pequena; exigia *cultura extrema*, grande espessura de competência científica e didática, clara intencionalidade política cimentada pela militância:

Conhecer a si mesmo significa ser si mesmo, ser o senhor de si mesmo, diferenciar-se, elevar-se acima do caos, ser um elemento de ordem, mas da própria ordem e da própria disciplina diante de um ideal. E isso não pode ser obtido se também não se conhecem os outros, a história deles, a sucessão dos esforços que fizeram para ser o que são. (Gramsci, 1980, p. 102)

⁹ Esse parágrafo é livre tradução de conversas por e-mail com Neil Novello, intelectual especialista de Pasolini.

Gramsci escrevia isso em janeiro de 1916. Continuou no mesmo diapasão, distinguindo dialeticamente o mestre político próprio da filosofia da práxis do mestre reacionário, conservador.

Mas, cuidado. Tal distinção não é operação dialética simples. Na vivência concreta, torna-se complexa, muito complexa. Traduzir, de forma apressada, simplória, mecânica, a distinção gramsciana entre o tipo de crítica próprio da filosofia da práxis, “crítica militante, não ‘frigidamente’ estética, crítica de um período de lutas culturais, de contrastes entre antagônicas concepções da vida” (Gramsci, 1975b, p. 2188), do tipo de crítica conservadora, reacionária “cuja paixão e fervor romântico compuseram-se na serenidade superior e na indulgência carregada de bonomia” (Gramsci, 1975b, p. 2188), poderá resultar em atitudes políticas errôneas, em equivocadas dicotomias burocráticas e ideológicas. Por isso, mesmo que Gramsci julgasse reacionários ou conservadores alguns insignes intelectuais, isso não o impedia de afirmar que vários deles, sob certos aspectos e em determinados momentos e regiões, foram importantes e progressistas. Exemplifico isso com os nomes de Luigi Pirandello, Benedetto Croce, Piero Gobetti, Nikolai Bukharin, Umberto Cosmo, Francesco De Sanctis, entre vários outros.

Pirandello não era socialista. Aliás, era filiado ao fascismo. Todavia, a crítica de Gramsci ao arrepio de *companheiros de carteirinha* destacava a importância de suas peças de teatro, que modernizavam o atrasado clima cultural italiano: “Em todo caso, Pirandello [...] teve uma grande importância ‘crítica’, de corrosão de um velho costume teatral” (Gramsci, 1975b, p. 2186).

Da mesma forma, o fato de considerar Croce a maior figura da reação italiana não o impedia de escrever, em 1926:

Os assim chamados neoprotestantes e calvinistas não entenderam que na Itália, não podendo haver uma reforma religiosa de massa, pelas condições modernas da civilização, realizou-se a única reforma historicamente possível com a filosofia de Benedetto Croce: mudou a direção e o método do pensamento, foi construída uma nova concepção do mundo que superou o catolicismo e toda outra religião mitológica. Neste sentido Benedetto Croce cumpriu com uma altíssima função “nacional”. (Gramsci, 1974, p. 156)

Um terceiro exemplo de intelectual liberal, estratégico, porém, para Gramsci, na luta hegemônica do proletariado italiano, foi Gobetti:

Gobetti não era um comunista e provavelmente jamais teria sido, mas tinha entendido a posição social e histórica do proletariado e não conseguia mais pensar sem esse elemento. Gobetti, no trabalho rotineiro do jornal, tinha sido por nós posto em contato com o mundo vivo que antes tinha conhecido somente pelas páginas dos livros. Sua característica mais relevante era a lealdade intelectual e a ausência completa de toda vaidade e pequenez de ordem inferior: por isso não podia se convencer que todo tipo tradicional de ver e pensar o proletariado, era falso e injusto. [...]

Praticamente, Gobetti revelou-se um organizador da cultura de extraordinário valor e teve neste último período uma função que não pode ser nem desconsiderada nem subestimada pelos operários. Ele cavou uma trincheira para aquém da qual não recuaram os grupos de intelectuais mais honestos e sinceros que em 1919-20-21 perceberam ser o proletariado, enquanto classe dirigente, superior à burguesia. (Gramsci, 1974, p. 156-157)

Na longa lista de intelectuais, professores que se relacionaram com Gramsci e por ele foram avaliados à luz da luta hegemônica em favor dos subalternos, não é possível esquecer o professor Cosmo, que muito ajudara e estimara seu especial aluno de universidade Antônio Gramsci. Todavia, em 1920, Cosmo aderiu ao liberalismo progressista. Então, Gramsci escreveu um artigo que ele próprio definiria mais tarde “violentíssimo e cruel como consegue-se escrever somente em certos momentos críticos da luta política” (Gramsci, 1975a, p. 412). Ao ler o artigo, Cosmo “chorou... e nossas relações cordiais de mestre e ex-aluno romperam-se” (Gramsci, 1975a, p. 412). Dois anos depois, porém, Gramsci, em trânsito para Moscou, reencontrou seu mestre na embaixada italiana na capital da Alemanha. Sobre esse encontro (foi o último), numa carta à cunhada, escreveu:

Umberto Cosmo [quando soube que eu o procurava] desceu as escadas da Embaixada correndo e me abraçou longamente inundando-me de lágrimas e barba repetindo várias vezes “Você entende por que, Você entende por que”. Estava tomado por uma emoção que me estonteou e me fez entender quanta dor lhe causasse em 1920. (Gramsci, 1975a, p. 412)

No primeiro governo Mussolini, o embaixador Frassati, de quem Cosmo era secretário, pediu as demissões e Cosmo voltou a dar aulas, sempre admirado pelos alunos. Em 1926, o fascismo caçou-lhe o direito à cátedra “por incompatibilidade de pensamento entre ele e o Partido fascista” (Cosmo, 1964). Em seguida, Cosmo foi preso por ter apoiado Croce na luta antifascista. Gramsci, da cadeia, lembrou com ternura e estima esse seu professor e solicitou a Tatiana mostrar-lhe suas anotações/comentários sobre o Cântico X do *Inferno*, de Dante Alighieri.

A relação de Gramsci com a obra de Bukharin (1970) é talvez o caso mais emblemático de mudança de estratégia na luta pela hegemonia. Enquanto em 1924, no curso por correspondência para militantes, Gramsci traduzira partes dessa obra,¹⁰ incluindo-a na bibliografia da Escola de Partido,¹¹ no cárcere, cinco

10 *A teoria do materialismo histórico: manual popular de sociologia marxista* (Moscou, 1921). Edição brasileira: *Tratado de materialismo histórico*, da Editora Centro do Livro Brasileiro, de Lisboa, Porto, Luanda. Tradução revista por Edgard Carone.

11 Já na tradução, contudo, observa-se a “relutância de Gramsci na utilização da palavra ‘lei’ frequentemente utilizada por Buckarin, substituindo-a quase sempre com expressões diversas como ‘normalidade’, ‘regularidade’, ‘relação entre causa e efeito’” (Frosini, 2009, p. 85).

anos depois,¹² criticou duramente a mesma obra em muitas páginas do Caderno 11: “II. Observações e notas críticas sobre uma tentativa de ‘Ensaio popular de sociologia’” (Gramsci, 1975b, p. 1396-1450).

De fato, em poucos anos, a situação política havia mudado: o bolchevismo marxista, na versão ultrabolchevista de Stalin, era universalmente adotado pelos partidos comunistas do mundo e o manual de Bukharin era a *summa teórica doutrinária* do marxismo, o compêndio, o *catecismo* imposto e aceito. Para Gramsci, impunha-se “à esquerda a necessidade de enfrentar a questão da hegemonia mundial” (Rapone, 2011, p. 179), e para essa nova situação *O ensaio popular* era absolutamente inadequado. A crítica iniciava-se alvejando o ponto de partida, abstrato e acadêmico, do manual:

O ensaio popular erra por partir (implicitamente) do pressuposto de que os grandes sistemas das filosofias tradicionais e a religião do alto clero, isto é, as concepções de mundo dos intelectuais e da alta cultura se opõem à elaboração de uma filosofia original para as massas populares. Na realidade, esses sistemas são ignorados pelas multidões nem tem eficácia direta em seu modo de pensar e operar. [...] Os elementos principais do senso comum são fornecidos pelas religiões [populares] e, consequentemente, a relação entre senso comum e religião é muito mais íntima do que entre senso comum e sistemas filosóficos dos intelectuais. (Gramsci, 1975b, p. 1396)

Conclusão: a valorização político-cultural dos intelectuais por parte de Gramsci não se restringiu ao critério burocrático, isto é, de pertença oficial a este ou aquele partido, tampouco concordou com a rejeição superficial e geral que a vulgata marxista empreendia contra os grandes sistemas filosóficos dos intelectuais profissionais. Para ele, o ponto de partida era histórico-dialético, conforme as circunstâncias concretas.

De antemão, condenava, sem meias palavras, a *banda podre ou pobre* dos intelectuais, jornalistas, professores, escritores balofos, ocos, “que valem um pouco mais de um figo seco” (Gramsci, 1975a, p. 201), que enrolam, não trabalham, oportunistas, *psitacistas* (papagaios meros repetidores), políticos burocratas, pedantes ou exibicionistas, sabichões incompetentes ou preocupados somente com o “refinamento da cultura — de uma certa cultura” (Gramsci, 1975a, p. 201). Contra esse tipo de intelectuais, não poupou palavras fortes de desprezo.

Mas, existem, como vimos, intelectuais importantes, sérios, cuja valoração ou qualificação enquanto progressistas ou revolucionários demanda aplicar a difícil e complexa arte de analisar dialeticamente a conjuntura econômica, social e política.

12 Entre os dois momentos, ocorreria “a derrota política de Buckarin por parte de Stalin. [...] Todavia, [independentemente disso] a *Teoria*, publicada em 1921 e traduzida em numerosas edições nas principais línguas europeias, continuava a exercitar uma função de primeira importância no movimento comunista internacional [...]. Portanto, o livro de Buckarin era um projeto de ‘elevação intelectual das massas’, embasado numa postura teórica contrária à de Gramsci” (Frosini, 2009, p. 85).

Com efeito, para a filosofia da práxis, os resultados concretos das atividades ou movimentos culturais são continuamente qualificados e requalificados pela história.

Toma-se, por exemplo, a análise que Gramsci faz da relação entre “arte e a luta por uma nova civilização” (Gramsci, 1975b, p. 2187). Preliminarmente, voltava a enfatizar a ingenuidade do burocratismo político dos que acreditavam poder avaliar a produção artística por meio de alguns chavões teóricos:

A relação artística evidencia, sobretudo na filosofia da práxis, a fátna ingenuidade dos papagaios que acreditam possuir em poucas formulazinhas estereotipadas a chave para abrir todas as portas (estas chaves chamam-se propriamente *grimaldelli*) [chaves-mestras]. Dois escritores podem representar (expressar) o mesmo momento histórico-social, mas um pode ser artista e o outro um simples escriturário. (Gramsci, 1975b, p. 2187)¹³

Com sarcasmo, pelo termo *grimaldelli*, referia-se à utilização (pelo stalinismo, mas não exclusivamente) de conceitos estereotipados como *conteúdo e forma* na avaliação das obras artísticas. Se a hegemonia cultural é “premissa indispensável da hegemonia política” (Vacca, 2017, p. 48), entretanto “um determinado momento histórico-social nunca é homogêneo, aliás, é rico de contradições” (Gramsci, 1975b, p. 2187). Por isso, a função dos artistas (e dos intelectuais) pode ser ambivalente, e a análise da forma ou do conteúdo de suas obras, embora importante sob vários pontos de vista, pode não ser suficiente para “alcançar os objetivos inerentes à luta cultural” (Gramsci, 1975b, p. 2187). É preciso relacionar dialeticamente um grande conjunto de fatores.

Exemplifica tal princípio analisando dois importantes literatos italianos, Croce e De Sanctis. O primeiro distingue, com esmero e elegância, os vários aspectos e atividades presentes em determinado momento histórico, mas o segundo consegue articular, unir, fundir e relacionar dialeticamente, com paixão militante, esses mesmos aspectos: “Croce consegue distinguir esses diversos aspectos do crítico que, em De Sanctis, estavam organicamente unidos e fundidos” (Gramsci, 1975b, p. 2188).

Portanto, tanto Croce como De Sanctis relacionam as mesmas temáticas e motivações culturais, no entanto, enquanto Croce expõe isso no momento de “expansão cultural, de triunfo e luta pelo refinamento da cultura” (Gramsci, 1975b, p. 2188), De Sanctis, “o grande crítico literário que em 1848 havia sido suspenso do ensino por ter ficado nas trincheiras com os alunos” (Ghetti, 2014, p. 35), lutava também “pelo direito de viver” (Gramsci, 1975b, p. 2188). Nessa luta “pelo direito de viver” (Gramsci, 1975b, p. 2188), temáticas e motivações fundiam-se organicamente.

13 Essa nota n. 3, do Caderno 23, “*Arte e lotta per una nuova civiltà*”, é do ano de 1934. Impossível não relacioná-la ao terror stalinista e ao fim da Revolução Cultural na União Soviética. Emblemático é o terrível conflito entre Stalin e o renomado músico russo Shostakóvitch, cujas músicas eram consideradas heréticas, de estilo *abstrato*, isto é, contrário ao patriótico *realismo socialista*: “O conceito de Realismo Socialista [grimardello teórico-cultural utilizado no terror stalinista] foi usado pela primeira vez num editorial anônimo publicado em 23 de maio de 1932, na *Litieraturnaia Gazeta* e, mais tarde, atribuído a Stalin” (Coelho, 2006).

Portanto, para Gramsci (1975b, p. 2188),

o tipo de crítica literária própria da filosofia da práxis é representado pelo De Sanctis, não por Croce ou por qualquer outro (menos ainda pelo Carducci): na crítica devem fundir-se a luta por uma nova cultura, isto é, por um novo humanismo, à crítica dos costumes, dos sentimentos e das concepções de mundo junto com a crítica estética ou puramente artística no entusiasmo apaixonado, mesmo que seja na forma do sarcasmo.

Nesse seu *retorno a De Sanctis*, Gramsci integrou a luta de quem paga de pessoa, no passado e no presente, à cultura refinada dos clássicos. Para entender melhor a preferência gramsciana por De Sanctis, esclarecedor é o texto “A luz que se apagou”, de 20 de novembro de 1915, em que traça o perfil do verdadeiro professor/político, ao homenagear o falecido professor Renato Serra. O texto, não por acaso, inicia-se com uma dolorosa lembrança autobiográfica da primeira infância:

Lembro-me de um pobre menino que não pudera frequentar os doutos bancos da escola de sua pequena cidade por ser de saúde franzina e que, mesmo assim, tinha-se preparado sozinho para o exame tão modesto de admissão. Mas, quando amedrontado se apresentou ao mestre, ao representante da ciência oficial, para entregar o requerimento, escrito com a mais bela caligrafia para bem impressionar, este, olhando através de seus óculos científicos, perguntou carrancudo: “Sim, está bem, mas você acredita que o exame é assim tão fácil? Conhece por exemplo os setenta e quatro artigos do Regimento?” E o pobre menino, esmagado pela pergunta, pôs-se a tremer e, chorando desconsoladamente, voltou à casa e desistiu do exame. (Gramsci, 1980, p. 23)

Trata-se de um texto-chave para entender o programa de cultura extrema evitando “certa forma de misticismo” (Pasolini, 2009). Explicando mais: Gramsci, no texto, continuava retratando, delicadamente e nos detalhes, o perfil do mestre preparado, humano, culto, libertador, político, a serviço da base social, contrapondo-o ao mestre “representante da ciência oficial”, autoritário. Tipificava e personificava esse perfil, recorrendo a De Sanctis, “o maior crítico que a Europa tenha visto” (Gramsci, 1980, p. 23). Comparava-o a São Francisco, que se contrapôs ao teologismo doutrinário da escolástica medieval para a qual a ciência era “o pão dos anjos, não dos míseros mortais” (Gramsci, 1980, p. 23).

A contraposição entre a teologia de São Francisco e a da Escolástica oficial faz paralelo entre De Sanctis e Croce: a poesia, para este, tornara-se privativa dos professores e Dante Alighieri era autor para especialistas. Não assim para De Sanctis, que levava os alunos, com didática eficiente e humana, a lerem e apreciarem os grandes clássicos e poetas da literatura:

Quando vê um rosto amedrontado, quando vê alguém humilde retrair-se quase assustado por muito ter ousado, dele se aproxima, quase diria que o toma pelo

braço com expansividade toda napolitana, o guia e lhe diz “Veja, o que você pensava ser difícil não é, vale a pena ser lido”. (Gramsci, 1980, p. 23)

Com isso, Gramsci rechaçava, ao mesmo tempo, o populismo e o elitismo cultural.

Encerrando: hoje, no pós-industrialismo, a luta por uma nova hegemonia consiste cada vez mais na produção cultural que objetiva dilatar ao máximo (ao extremo) o potencial cultural da base, ou melhor, das bases sociais. Tarefa educativa difícil, que lança os educadores na escuta do clima cultural atual, dos dizeres e das necessidades (aparentemente contraditórios) das novas gerações e, por meio de modernas e humanas didáticas, estruturam um currículo formativo cuja espinha dorsal são os clássicos da história, da literatura, da arte, da ciência, da técnica, da poesia, da filosofia, isto é, “as concepções mais gerais, as armas mais refinadas e decisivas [da cultura]” (Gramsci, 1975b, p. 1509):

Com efeito, não existem, já agora, operários, aos quais a luta de classe deu um novo senso de dignidade e de liberdade, que, quando leem os cantos dos poetas ou ouvem os nomes dos artistas e dos pensadores, se perguntam com tristeza: “por que a escola não ensinou essas coisas também a nós?”. (Gramsci, 1987, p. 174-175)

REFERÊNCIAS

- BUKHARIN, N. **A teoria do materialismo histórico**: manual popular de sociologia marxista. Rio de Janeiro: Laemmert, 1970.
- COELHO, L. M. **Shostakovich**: vida, música, tempo. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- UMBERTO COSMO. 1964. Disponível em: <https://it.wikipedia.org/wiki/Umberto_Cosmo>. Acesso em: 4 jun. 2019.
- FROSINI, F. Verbete “Bucharin”. In: FROSINI, F.; LIGUORI, G.; VOZA, P. (orgs.). **Dizionario gramsciano (a cura di)**. Roma: Carocci, 2009.
- GHETTI, N. **Gramsci nel cieco carcere degli eretici**. Roma: L’Asino d’Oro Edizioni, 2014.
- GRAMSCI, A. **La Construzione del partito comunista 1923 – 1926**. Torino: Giulio Einaudi, 1974.
- GRAMSCI, A. **Lettere dal carcere**. A cura di Sergio Caprioglio e Elsa Fubini. Torino: Giulio Einaudi, 1975a.
- GRAMSCI, A. **Quaderni del carcere**. A cura di Valentino Gerratana. Torino: Einaudi, 1975b. 4 v.
- GRAMSCI, A. **Cronache torinesi 1913-1917**. Curado por Sergio Capriolo. Torino: Einaudi, 1980.
- GRAMSCI, A. **Ordine Nuovo (1919-1920)**. Curado por Valentino Gerratana e Antonio A. Santucci. Torino: Einaudi, 1987.
- PASOLINI, P. P. **Tutte le poesie**. Milão: Mondadori, I Meridiani, 2009. v. 1.

RAPONE, L. **Cinque anni che paiono secoli.** Antonio Gramsci dal socialismo al comunismo (1914-1919). Roma: Carocci, 2011.

VACCA, G. **Modernità alternative.** Il novecento di Antonio Gramsci. Torino: Einaudi, 2017.

SOBRE O AUTOR

PAOLO NOSELLA é doutor em filosofia da educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor aposentado e colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

E-mail: nosellap@terra.com.br

*Recebido em 05 de dezembro de 2018
Aprovado em 30 de abril de 2019*